

ABORDAGENS ANTIRRACISTAS NO ENSINO DE INGLÊS:

REFLEXÕES E PRÁTICAS NO CONTEXTO ESCOLAR

ANTI-RACIST APPROACHES IN ENGLISH TEACHING: REFLECTIONS AND PRACTICES IN THE SCHOOL CONTEXT

Francisco Arkires Silva do Nascimento¹
Rafael Lima Vieira²

RESUMO

Este artigo investiga como o ensino de Língua Inglesa pode ser ressignificado para incorporar práticas pedagógicas antirracistas, promovendo a inclusão e a equidade racial no ambiente escolar. A problemática que orienta este estudo centra-se na necessidade de superar lacunas educacionais relacionadas à diversidade étnico-racial no contexto brasileiro. Justifica-se pela importância de transformar a escola em um espaço de valorização da pluralidade cultural e combate às discriminações raciais, contribuindo para a formação cidadã. Adotou-se uma metodologia mista, envolvendo revisão bibliográfica e análise qualitativa de percepções e práticas pedagógicas em escolas de ensino médio. O estudo fundamenta-se em autores como Freire (1996), Santos (2001), Bakhtin (1997), Hooks (2013) e Fairclough (2001), que destacam a educação como instrumento de conscientização crítica e transformação social. Os resultados apontam que a inclusão de estratégias pedagógicas antirracistas pode promover debates relevantes, valorizar as contribuições culturais afro-brasileiras e ampliar a consciência social dos alunos. Conclui-se que práticas educacionais alinhadas à justiça social e à equidade racial no ensino de Língua Inglesa são essenciais para a construção de uma sociedade mais inclusiva e equitativa.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de Língua Inglesa. Educação antirracista. Diversidade Étnico-Racial. Práticas Pedagógicas.

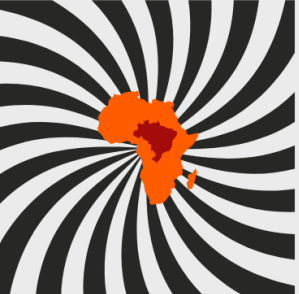
ABSTRACT

This article investigates how English Language teaching can be redefined to incorporate anti-racist pedagogical practices, fostering inclusion and racial equity in the school environment. The study addresses the need to bridge educational gaps related to ethnic-racial diversity in the Brazilian context. It is justified by the importance of transforming schools into spaces that value cultural plurality and combat racial discrimination, contributing to civic education. A mixed methodology was adopted, involving a bibliographic review and a qualitative analysis of perceptions and pedagogical practices in high school settings. The study is based on authors such as Freire (1996), Santos (2001), Bakhtin (1997), hooks (2013), and Fairclough (2001), who emphasize education as an instrument of critical awareness and social transformation. The results indicate that including anti-racist pedagogical strategies can promote meaningful debates, value Afro-Brazilian cultural contributions, and enhance students' social awareness. It is concluded that educational practices aligned with social justice and racial equity in English Language teaching are essential for building a more inclusive and equitable society.

KEYWORDS: English Language teaching. Anti-racist education. Ethnic-racial diversity. Pedagogical practices. Social inclusion.

¹ Discente de graduação em Letras Português e Inglês no Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE). Integrante do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas do IFCE (Neabi/IFCE). E-mail: arkiresilva52@gmail.com.

² Professor no Ensino Básico Técnico e Tecnológico no Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE). Mestre em Educação Contemporânea e Graduado em Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). E-mail: rafael.vieira@ifce.edu.br.



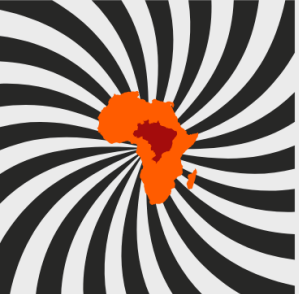
1 INTRODUÇÃO

O ensino da Língua Inglesa no Brasil foi consolidado como componente curricular obrigatório com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) em 1996. Contudo, os desafios dessa disciplina vão além da aquisição de competências linguísticas, incluindo a necessidade de práticas pedagógicas que promovam a equidade racial e cultural no ambiente escolar. Apesar de avanços legais, como a Lei 10.639/2003, que estabelece o ensino obrigatório de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (Brasil, 2003), persistem lacunas significativas relacionadas à inclusão da temática étnico-racial no ensino de línguas (Santos, 2001; Freire, 1996).

Dessa maneira, este estudo é orientado pela seguinte questão: como o ensino de Língua Inglesa pode ser ressignificado para incorporar práticas pedagógicas que promovam a inclusão e a educação antirracista? A relevância dessa investigação está na urgência de transformar a escola em um espaço de formação cidadã, valorizando a diversidade cultural e combatendo discriminações raciais, especialmente em um país marcado por profundas desigualdades sociais (Gomes, 2003; Bakhtin, 1997).

O objetivo deste artigo é propor estratégias para a implementação de abordagens antirracistas no ensino de Língua Inglesa, promovendo uma prática educacional mais inclusiva e equitativa. A metodologia adotada combina uma revisão bibliográfica e uma análise qualitativa das práticas pedagógicas observadas em um ambiente escolar³ de ensino médio. Fundamentando-se em reflexões de autores como Hooks (2013) e Fairclough (2001). Espera-se que este estudo contribua para o avanço teórico e prático na construção de uma educação que desenvolva os aspectos linguísticos dos estudantes, preparando os alunos para a comunicação global, mas também para o enfrentamento das desigualdades raciais, ampliando sua consciência crítica e social.

³ Para fundamentar este estudo, foi realizada uma pesquisa de campo em uma escola de ensino médio situada na Serra da Ibiapaba, no estado do Ceará. Todavia, a fim de preservar o anonimato, o nome da instituição e os participantes da pesquisa não serão divulgados em nossa análise.



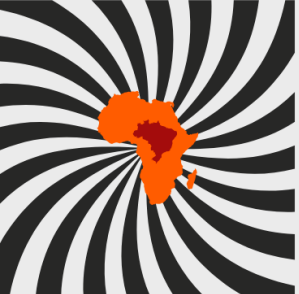
2 A IMPLEMENTAÇÃO DA LDB DE 1996 E OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO CRÍTICA ANTIRRACISTA NO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA NO BRASIL

Com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de 1996, instituiu-se a obrigatoriedade do ensino de uma língua estrangeira⁴ no antigo 1º grau, atualmente denominado Ensino Fundamental, e no antigo 2º grau, agora chamado de Ensino Médio. É especificado em seu §5º que “na parte diversificada do currículo será incluído, obrigatoriamente, a partir da quinta série, o ensino de pelo menos uma língua estrangeira moderna, cuja escolha ficará a cargo da comunidade escolar, dentro das possibilidades da instituição” (Brasil, 1996, p. 11). Ou seja, cabe à escola determinar qual língua será ensinada, levando em consideração suas necessidades e possibilidades no processo de ensino-aprendizagem.

Em complemento à nova LDB e com o intuito de oferecer suporte aos docentes no Brasil, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) foram concebidos e promulgados pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC) em 1998. De acordo com o documento, este documento visa ser uma referência para discussões e deliberações sobre o ensino e a aprendizagem de línguas adicionais nas instituições educacionais brasileiras. Em outras palavras, ele apresenta diretrizes e sugestões que permitem adaptações conforme as especificidades locais de cada região. Tal abordagem ressalta a importância de compreender as diferentes metodologias e abordagens pedagógicas, a fim de atender, de forma eficaz, às demandas particulares de contextos educacionais diversos.

Além disso, os PCNs sugerem a utilização de metodologias que possibilitem maior dinamicidade e contextualização no processo de ensino-aprendizagem, reconhecendo que a aprendizagem de uma língua vai além da memorização de regras gramaticais e vocabulários isolados. A proposta pedagógica dos PCNs reforça a ideia de que o aprendizado de línguas adicionais deve ser significativo, promovendo a interação social e a compreensão de diferentes realidades culturais. Nesse contexto, a “Abordagem Comunicativa” destaca-se como uma estratégia relevante, especialmente por enfatizar a promoção de competências linguísticas relacionadas ao uso da língua em situações reais de comunicação (Hymes, 1972).

⁴ É importante salientar que, atualmente, o termo "língua estrangeira" não é mais considerado apropriado para se referir a um idioma que não seja a língua materna de um determinado país. Em vez disso, utiliza-se o termo "segunda língua" ou "língua adicional". entre a língua em questão e a língua nativa do país, implicando que ela é algo alheio e distante da realidade cotidiana dos falantes. No entanto, o termo "segunda língua" ou "língua adicional" reconhece que o idioma pode ser uma parte integral e ativa da vida das pessoas, ainda que não seja a língua materna. Ele reflete a realidade de que muitas pessoas vivem em contextos multilíngues e utilizam diversos idiomas em diferentes situações e para diferentes propósitos, tanto no âmbito pessoal quanto no profissional e educacional.



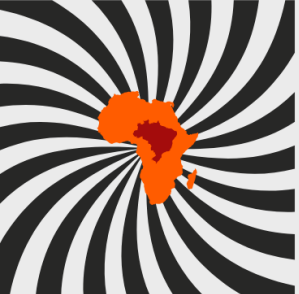
Essa abordagem sugere que o ensino de línguas abranja tanto o aprendizado formal e técnico quanto o desenvolvimento da competência comunicativa, incluindo a capacidade de utilizar a língua de maneira eficaz e apropriada em contextos específicos. Essa perspectiva torna-se relevante no ensino de Língua Inglesa, que, enquanto língua franca global, desempenha um papel central nas trocas culturais e econômicas contemporâneas.

Entretanto, a aplicação dessa abordagem, no Brasil, não pode desconsiderar as desigualdades históricas e a ausência de representação cultural afro-brasileira e indígena nos currículos escolares. Frequentemente, os materiais didáticos de Língua Inglesa adotados, refletem uma perspectiva eurocêntrica, limitando a exploração de questões socioculturais pertinentes aos alunos brasileiros. Essa falta de representação pode perpetuar estereótipos e ampliar a exclusão de identidades que deveriam ser valorizadas no ambiente escolar.

É imperativo reconhecer que tanto a língua quanto a linguagem são práticas sociais ancoradas em contextos sócio-históricos. De acordo com Bakhtin (1997), a linguagem é um fenômeno social que se desenvolve na interação entre sujeitos, refletindo e construindo realidades. Além disso, Fairclough (2001) argumenta que a linguagem está permeada por relações de poder e ideologias, sendo uma ferramenta crucial na manutenção e contestação das estruturas sociais. Por essa razão, a compreensão da língua não pode ser desvinculada de seu contexto histórico e social. Desse modo, a educação linguística antirracista deve fomentar a descolonização das práticas pedagógicas. Segundo Freire (1996), a educação deve ser um ato libertador, promovendo a conscientização crítica dos educandos. Essa perspectiva é reforçada por Hooks (2013), que destaca a importância de uma pedagogia engajada que reconheça as diversas vozes e experiências dos estudantes, em particular, pertencentes a grupos historicamente marginalizados.

Assim, as aulas de língua adicional/Inglês devem ultrapassar a simples decodificação linguística ou o mero contato com outra cultura. É necessário promover reflexões críticas que ampliem a compreensão das relações sociais, históricas e culturais inerentes ao uso da língua. Com isso, propõe-se a criação de uma 'Educação Crítica Antirracista' que integra os princípios da descolonização e da conscientização crítica, visando transformar as práticas educacionais e promover uma sociedade mais justa e equitativa.

Dessa forma, a aula de inglês deve ensinar a língua como um instrumento de comunicação e como uma ferramenta para entender e questionar as dinâmicas de poder, racismo e opressão presentes nas interações sociais. Isso envolve a incorporação de discussões sobre a história colonial,



inclusão de obras literárias que falam sobre negritude e racismo, a valorização das línguas e culturas locais e a promoção de uma visão crítica sobre o papel da língua na construção das identidades.

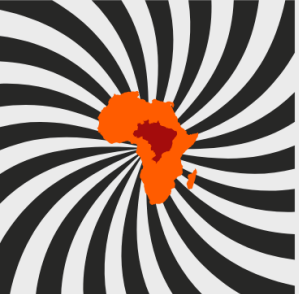
A perspectiva de uma pedagogia crítica, conforme discutida por Gloria Ladson-Billings (1995), implica na criação de currículos que vão além da simples transmissão de conteúdos, integrando a realidade social e cultural dos alunos no processo de ensino-aprendizagem. Para a autora, uma pedagogia antirracista não se limita a incluir temas relacionados à diversidade, mas se preocupa em transformar a estrutura educacional para que ela seja, de fato, inclusiva e emancipadora.

No âmbito do ensino de Língua Inglesa, essa abordagem crítica se torna ainda mais relevante, considerando o status da língua inglesa como ferramenta de comunicação global e, ao mesmo tempo, como instrumento que pode reproduzir desigualdades sociais e culturais. Kabengele Munanga (2001) destaca que as práticas pedagógicas precisam ser orientadas por um olhar crítico, que reconheça o impacto das dinâmicas globais na perpetuação de hierarquias raciais e culturais.

Portanto, a construção de uma educação antirracista no ensino de Língua Inglesa demanda que os professores se tornem agentes de mudança, desafiando práticas discriminatórias e promovendo o reconhecimento das diversas identidades presentes no ambiente escolar. Para alcançar essa transformação, é essencial que o espaço educativo fomente o diálogo e problematize questões raciais, criando uma pedagogia que confronte os currículos tradicionalmente enraizados em perspectivas eurocêntricas. Como destaca Santos (2001), abordar a discriminação racial na escola não se limita a preparar os alunos negros para resistirem ao racismo, mas exige a desconstrução de estruturas que legitimam essa opressão.

tratar da discriminação racial em ambiente escolar não significa ajudar a criança negra a ser forte para suportar o racismo, como se apenas ela tivesse problema com sua identidade, com sua autoestima. Faz-se necessário corromper a ordem dos currículos escolares, que insistem em apresentar a produção cultural eurocêntrico como único conhecimento científico válido (Santos, 2001, p. 106).

Nesse sentido, a escola deve atuar como um agente de equilíbrio social, comprometendo-se a atenuar os efeitos das desigualdades e promovendo uma educação que valorize as diferenças como forma de integração. Como observa Pérez-Gómez (1998), embora a igualdade plena de oportunidades não esteja ao alcance exclusivo da instituição escolar, cabe a ela minimizar as barreiras impostas pelas disparidades sociais, preparando os indivíduos para enfrentá-las e superá-

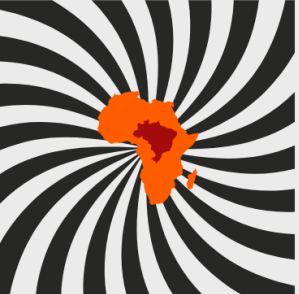


las. Ao valorizar a diversidade e combater práticas discriminatórias, o ensino de Língua Inglesa torna-se um campo fértil para promover mudanças sociais significativas e duradouras.

3 DESAFIOS E ESTRATÉGIAS PARA A INCLUSÃO ÉTNICO-RACIAL NO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA

Considerando a complexidade social, cultural e étnica do Brasil, se faz essencial investigar como os paradigmas tradicionais podem ser ampliados no ensino de línguas, pois, como já supracitado, apesar dos avanços substanciais, o panorama educacional brasileiro ainda apresenta desafios persistentes no que tange à promoção da diversidade e ao enfrentamento do racismo sistêmico dentro das instituições de ensino. A análise deste tema revela a necessidade premente de abordar as disparidades raciais persistentes no sistema educacional, as quais obstaculizam o progresso acadêmico, bem como a autoestima escolar de grupos raciais historicamente marginalizados. Neste contexto, surgem questões cruciais acerca do papel da educação literária na promoção da diversidade e no enfrentamento do racismo, especialmente tendo em vista a complexidade do cenário social brasileiro. No âmbito do ensino de inglês, a sala de aula pode transpor o mero exercício de gramática, livro didático e leitura linear de textos literários canônicos, visto que há uma insigne variedade de autores e livros que abordam temas raciais na literatura inglesa.

A desconstrução dos elementos enigmáticos desses textos pode proporcionar aos alunos a capacidade de desenvolver um pensamento crítico, favorecendo a criação de um ambiente escolar mais inclusivo. A educação literária, portanto, deve fundamentar-se na compreensão das inter-relações entre ideologia, linguagem e poder, analisadas sob diferentes paradigmas teóricos (Leahy-Dios, 2004). A necessidade de criar essas estratégias surge, em primeira instância, dos episódios de violência direcionada aos corpos negros e, em segunda instância, da lacuna existente na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) no que tange à inclusão da temática étnico-racial na disciplina de Língua Inglesa. No contexto específico do ensino de inglês, tal abordagem permite que os educadores integrem e explorem questões relativas à diversidade racial e cultural de maneira mais substancial. A literatura inglesa pode ser empregada como um meio de questionar estereótipos, fomentar o entendimento intercultural e promover o respeito às diferenças. Desta forma, a prática literária não se limita a uma análise superficial dos textos, mas se transforma em um instrumento



de engajamento crítico e reflexivo, que contribui para o desenvolvimento de uma educação mais equitativa e inclusiva.

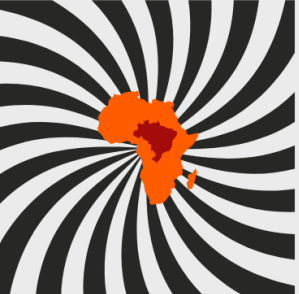
Conforme apontado por Dei (1996), o discurso da teoria antirracista teve sua gênese na Grã-Bretanha, expandindo-se posteriormente para o Canadá, a Austrália e os Estados Unidos. No contexto brasileiro, é notável que termos como "antirracismo" têm sido cada vez mais frequentes em pesquisas acadêmicas, principalmente após a promulgação da Lei 10.639/2003, que tornou obrigatório o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira na Educação Básica. Nesse contexto, destacam-se algumas implicações advindas da adoção da terminologia antirracista, conforme abordado por Troyna e Carrington (1990):

Educação antirracista refere-se a uma vasta variedade de estratégias organizacionais, curriculares e pedagógicas com o objetivo de promover a igualdade racial e para eliminar formas de discriminação e opressão, tanto individual como institucional. Essas reformas envolvem uma avaliação tanto do currículo oculto como do currículo formal (Troyna e Carrington 1990, p. 1).

A lei aprovada em 2003 foi formalmente regulamentada no ano subsequente por meio do Parecer do Conselho Nacional de Educação (CNE), que estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais⁵, bem como para o Ensino de História e Culturas Afro-Brasileiras e Africanas. Este documento tornou-se uma referência teórica e pedagógica crucial para a formação de professores, desenvolvimento de currículos e a implementação de práticas docentes. Destaca-se por sua abordagem política voltada para a luta contra o racismo e as discriminações raciais nos sistemas de ensino. Em um de seus trechos, é possível ler:

A obrigatoriedade de inclusão de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana nos currículos da Educação Básica trata-se de decisão política, com fortes repercussões pedagógicas, inclusive na formação de professores. [...] É importante destacar que não se trata de mudar um foco etnocêntrico marcadamente de raiz europeia por um africano, mas de ampliar o foco dos currículos escolares para a diversidade cultural, racial, social e economia brasileira. Nesta perspectiva, cabe às escolas incluir no contexto dos estudos e atividades, que proporciona diariamente, também as contribuições histórico-culturais dos povos indígenas e dos descendentes de asiáticos, além das de raiz africana e europeia (Brasil, 2004, p. 8).

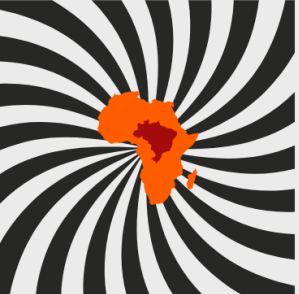
⁵ A questão étnico-racial, particularmente no que tange à presença da africanidade e ao racismo perpetrado por brancos contra negros, não está inteiramente ausente do currículo escolar. Desde a promulgação da Lei nº 10.639/2003, que tornou obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira nos níveis de ensino fundamental e médio, essa temática passou a integrar a formação acadêmica. Em 2008, tal legislação foi incorporada à Lei nº 9.394/1996, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB).



A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) faz 39 referências ao termo “africana” no contexto da educação para as relações étnico-raciais e no ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, englobando conteúdos nas disciplinas de Língua Portuguesa (EF67LP28, EM13LP52), Artes (EF15AR25), Educação Física (EF35EF01, EF35EF09), Ciências (EF07CI16), Geografia (EF07CI16) e História (EF03HI03, EF07HI12). Entretanto, verifica-se que não há menções específicas aos conteúdos relacionados à africanidade nas habilidades de Língua Inglesa, apesar de a BNCC contemplar o continente africano na habilidade: “(EF09LI17) Debater sobre a expansão da língua inglesa pelo mundo, em função do processo de colonização nas Américas, África, Ásia e Oceania” (Brasil, 2017, p. 263). Em decorrência disso, os materiais didáticos dessa disciplina também revelam uma ausência de abordagens voltadas para questões étnico-raciais relativas aos negros. Para mitigar essa carência, pesquisadoras como Dias (2018) e Conceição (2019) têm empreendido estudos com o propósito de preencher essa lacuna.

Dias (2018), no âmbito da formação de professores, abordou e elaborou um material pedagógico focado na diversidade linguística e na Identidade Social de Raça, fundamentado no Black English Vernacular (BEV), o inglês falado pelos negros norte-americanos. Por sua vez, Conceição (2019) investigou a organização das aulas de Língua Inglesa no Ensino Médio, visando compreender e analisar criticamente as questões sociais relacionadas à raça. Assim como Dias, Conceição desenvolveu uma proposta didática de ensino de inglês, porém centrada na leitura e interpretação de cenas de filmes que abordavam implicitamente questões raciais. Ambas as pesquisas representam um esforço das autoras, mulheres negras, na luta contra o racismo direcionado à negritude. As dissertações de Dias e Conceição sugerem abordagens para uma educação antirracista e uma postura ativista transformadora, conforme postulado por Stetsenko (2017).

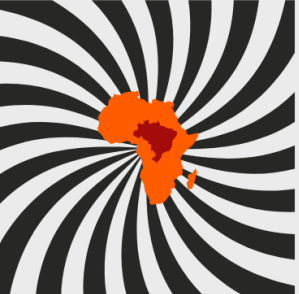
Diante disso, promover uma educação antirracista envolve a busca por alternativas para eliminar o racismo direcionado à negritude e superar as contradições instauradas pelo sistema de necropolítica. Djamila Ribeiro (2020) argumenta que a escola, enquanto espaço fundamental para a formação da cidadania, tem sido historicamente um local onde pessoas negras sofrem racismo de forma direta e dolorosa. Ela recorda que, nas décadas de 1980 e 1990, a experiência de frequentar a escola para uma menina negra era marcada pela falta de preparo dos professores para lidar com questões raciais, resultando em uma reprodução precoce do racismo, que acompanhava as pessoas até a vida adulta.



A promoção de uma educação antirracista no ensino de inglês exige uma revisão crítica e um redesenho das abordagens pedagógicas adotadas por professores e estagiários. Em consonância com a necessidade de enfrentar as desigualdades raciais e o racismo sistêmico presentes no sistema educacional, é fundamental que a prática docente se alinhe aos princípios de equidade e inclusão. Inicialmente, é imperativo que os educadores incorporem conteúdos que abordam explicitamente a diversidade racial e cultural em suas práticas pedagógicas. Isso pode ser realizado por meio da inclusão de textos literários e recursos didáticos que representem de forma abrangente a experiência negra e afrodescendente.

A literatura em inglês, como evidenciado por Dei (1996), oferece um vasto campo para a exploração dessas temáticas, permitindo a análise crítica de obras de autores afro-americanos e a discussão das representações culturais presentes em diversos gêneros textuais. Ademais, a formação de professores e estagiários deve contemplar o desenvolvimento de competências específicas para a abordagem de questões raciais. Essa capacitação deve incluir a habilidade de identificar e desconstruir estereótipos raciais, promover discussões críticas sobre a História e a Cultura Afro-Brasileira e Africana, e implementar estratégias pedagógicas que incentivem o respeito e a empatia entre os alunos. O parecer do Conselho Nacional de Educação (CNE), regulamentado em 2004, estabelece diretrizes fundamentais para essa formação, destacando a importância de uma abordagem pedagógica inclusiva e politicamente engajada (Brasil, 2004).

De acordo com Ribeiro (2020), a escola desempenha um papel crucial na formação da cidadania e, historicamente, tem sido um local de manifestação direta e dolorosa do racismo contra negros. Assim, os estagiários devem buscar continuamente formação e atualização sobre práticas pedagógicas inclusivas e utilizar as diretrizes estabelecidas pela BNCC para construir uma prática docente que seja sensível e crítica em relação às questões raciais. A elaboração de propostas didáticas que integrem a análise crítica de representações raciais na literatura e na mídia, bem como a promoção de debates construtivos sobre identidade e diversidade, são estratégias eficazes para a construção de uma prática pedagógica antirracista. Segundo Stetsenko (2017), uma educação antirracista deve ser vista como uma luta contínua que promove uma postura ativista transformadora e desafiadora das estruturas de discriminação.



4 METODOLOGIA

Com o intuito de compreender as percepções sobre a presença de estratégias antirracistas no ensino de inglês, uma pesquisa qualitativa foi conduzida em uma escola de ensino médio localizada na região da Serra da Ibiapaba, no estado do Ceará. A coleta de dados foi realizada por meio de um questionário elaborado na plataforma Google Forms, aplicado a vinte e sete alunos representativos do terceiro ano e ao professor de língua inglesa da instituição. É importante salientar que dos 27 alunos que responderam ao questionário, apenas três apareceram na nossa análise, devido extensão das respostas. Tanto os alunos quanto o professor optaram pelo anonimato, garantindo a confidencialidade das respostas. Essa metodologia possibilitou a coleta de dados relevantes e a identificação de lacunas significativas no ensino de inglês quanto à abordagem de estratégias antirracistas, constituindo a base para as análises apresentadas neste artigo.

4.1 PARTICIPANTES

- **Alunos:** Três estudantes representativos das diferentes turmas do terceiro ano do ensino médio, selecionados aleatoriamente.
- **Professor:** Docente de língua inglesa com experiência em quatro escolas de ensino médio da região, incluindo instituições públicas estaduais e uma particular.

4.2 INSTRUMENTO DE PESQUISA

O questionário aplicado continha perguntas abertas e fechadas, elaboradas para explorar as experiências e opiniões dos participantes em relação ao tema. As perguntas foram divididas em dois blocos:

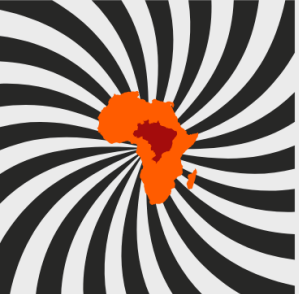
1. PERGUNTAS DIRIGIDAS AOS ALUNOS

1.1. Você considera importante a implementação de obras literárias que abordem o racismo nas aulas de língua inglesa? Por quê?

Respostas:

Aluno 1: Reconheceu a relevância do tema, mas destacou que nunca presenciou discussões dessa natureza nas aulas de inglês.

Aluno 2: Ressaltou a importância de abordar o racismo para promover respeito à diversidade.



Aluno 3: Considerou necessário, mencionando que tal abordagem poderia enriquecer o aprendizado e ampliar a consciência social.

1.2. Durante os três anos de ensino médio, você estudou ou discutiu algum autor ou obra relacionada à negritude nas aulas de língua inglesa?

Respostas:

Aluno 1: Não.

Aluno 2: Disse que não lembra de tal abordagem.

Aluno 3: Negou, afirmando que o foco foi em conteúdos tradicionais e gramaticais.

1.3. Em sua opinião, como a inclusão de obras ou autores que tratem da cultura negra e do racismo poderia contribuir para o ensino de inglês?

Respostas:

Aluno 1: Pontuou que ajudaria a desmistificar preconceitos e a ampliar a compreensão cultural.

Aluno 2: Ressaltou que o inglês poderia ser usado como ferramenta para debates sociais relevantes.

Aluno 3: Sugeriu que o tema poderia tornar as aulas mais dinâmicas e envolventes.

2. PERGUNTAS DIRIGIDAS AO PROFESSOR

2.1. Você está familiarizado com o termo "estratégias antirracistas" no contexto educacional?

Resposta: Não diretamente, mas reconhece a importância de discutir temáticas raciais nas aulas.

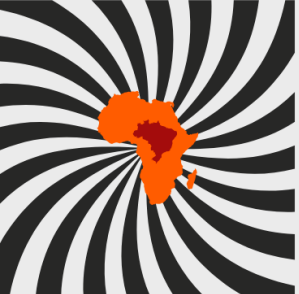
2.2. Como você seleciona materiais didáticos para suas aulas de inglês?

Resposta: Baseia-se em materiais oficiais e no conteúdo que mais se alinha aos objetivos do ENEM e vestibulares, mas observa limitações em relação à diversidade cultural.

2.3. Em sua opinião, qual seria o impacto da inclusão de obras literárias e temáticas sobre a negritude no ensino de inglês?

Resposta: Destacou que poderia promover uma visão mais ampla da língua inglesa, evidenciando sua pluralidade cultural e histórica.

2.4. Quais desafios você encontra para implementar práticas antirracistas no ensino de inglês?



Resposta: Citou a falta de materiais acessíveis, desconhecimento de obras adequadas e a falta de interesse da gestão e dos alunos.

2.5. Você já participou de alguma formação continuada que abordasse estratégias antirracistas no ensino de inglês?

Resposta: Não, relatou que na cidade em questão, nunca ouviu falar de formações sobre o tema, mas destacou o interesse em participar de capacitações nesse campo.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os dados coletados revelam um panorama preocupante sobre a ausência de abordagens antirracistas no ensino de língua inglesa no contexto investigado. A análise será estruturada em três níveis: a perspectiva dos alunos, as percepções do professor e os desafios enfrentados na implementação de práticas antirracistas.

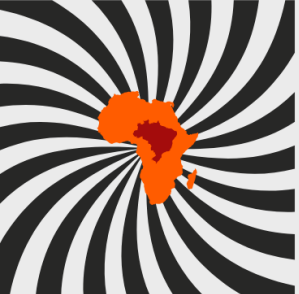
5.1 PERSPECTIVA DOS ALUNOS

As respostas dos alunos indicam uma lacuna significativa na inclusão de temas relacionados à negritude e ao racismo nas aulas de inglês. Nenhum dos estudantes relatou ter tido contato com autores negros ou discussões que abordassem questões raciais durante os três anos de ensino médio. Esse dado corrobora as críticas de Silva (2019), que destaca como o currículo escolar frequentemente ignora a pluralidade cultural e histórica presente na formação da língua inglesa.

A falta de representatividade também reflete o que Gomes (2020) chama de "embranchamento do conhecimento", em que as práticas pedagógicas reforçam narrativas eurocêntricas e marginalizam contribuições de populações negras e indígenas. Os alunos reconheceram a importância da inclusão de temas antirracistas, ressaltando seu potencial para promover debates relevantes e ampliar a compreensão cultural, mas não relataram experiências que sustentassem essa perspectiva.

5.2 PERCEPÇÕES DO PROFESSOR

O professor admitiu não estar familiarizado com o conceito de estratégias antirracistas, o que reflete a lacuna na formação inicial e continuada de muitos docentes. Como argumenta Freire



(1996), é essencial que os educadores assumam o papel de mediadores críticos, capazes de questionar e transformar a realidade. No entanto, a ausência de capacitações específicas limita a ação pedagógica. Embora o professor demonstre uma familiaridade limitada com o termo "estratégias antirracistas" em seu contexto profissional, ele reforça a relevância essencial dessas práticas para corrigir distorções históricas e promover uma educação mais equitativa. Sua perspectiva evidencia uma necessidade urgente de integração de conteúdos que valorizem a pluralidade cultural e a história afro-brasileira no ensino de língua inglesa.

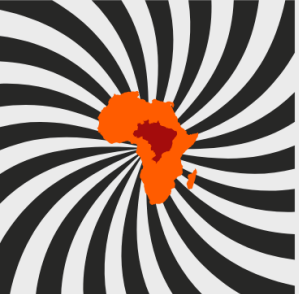
Entre os desafios apontados, destacam-se a apatia dos alunos em relação ao tema e a falta de incentivos institucionais, indicando um descompasso entre as necessidades educacionais e as práticas pedagógicas existentes. Esta lacuna demonstra como o ensino tradicional, muitas vezes, falha em incorporar perspectivas mais amplas e diversificadas, perpetuando uma visão limitada da cultura e história global. Essa barreira é amplamente discutida por Carneiro (2005), que aponta a necessidade de reestruturação curricular para incorporar a pluralidade de vozes históricas e culturais.

Outro ponto crítico levantado pelo professor é a ausência de programas de formação continuada que abordem questões raciais e antirracistas. Essa lacuna formativa é sintomática de um sistema educacional que, em muitos casos, negligência a capacitação docente nesse aspecto. Essa situação limita o potencial dos educadores em implementar práticas mais inclusivas e reforça a necessidade de iniciativas institucionais que priorizem a formação continuada focada na diversidade e na inclusão.

5.3 DESAFIOS E POSSIBILIDADES

A pesquisa evidencia que a implementação de estratégias antirracistas no ensino de inglês é um desafio multidimensional. Por um lado, é necessário investir na formação docente para que professores estejam aptos a abordar temas raciais de forma crítica e contextualizada. Por outro, é fundamental disponibilizar materiais didáticos que contemplem a diversidade cultural e histórica dos países de língua inglesa, rompendo com a visão homogeneizadora predominante.

Como propõe Hooks (2013), a educação deve ser um ato de resistência e transformação. Nesse sentido, a inclusão de obras literárias e temáticas relacionadas à negritude pode atuar como uma ferramenta poderosa para combater preconceitos e promover uma compreensão mais ampla e diversa da língua inglesa.



6 ESTRATÉGIAS ANTIRRACISTAS PARA O ENSINO DE INGLÊS

6.1 INCLUSÃO DE AUTORES E OBRAS LITERÁRIAS DE DIVERSAS CULTURAS

Introduzir textos e obras de autores negros e de outras minorias que abordem temas como racismo, identidade e história da diáspora africana. Utilizar músicas, poesias e trechos de literatura de países africanos de língua inglesa, como Nigéria e África do Sul, para enriquecer o conteúdo.

6.2 DEBATES E DISCUSSÕES CRÍTICAS

Promover debates em sala de aula sobre questões sociais e raciais utilizando a língua inglesa, incentivando o pensamento crítico e a participação ativa dos alunos. Propor atividades que explorem a representatividade nas mídias e no entretenimento em inglês, como filmes, séries e músicas.

6.3 CAPACITAÇÃO DOCENTE

Incentivar a participação de professores em cursos e workshops sobre educação antirracista e diversificação curricular. Fornecer material de apoio que auxilie os docentes na implementação de práticas pedagógicas inclusivas.

6.4 APROXIMAÇÃO COM A COMUNIDADE ESCOLAR

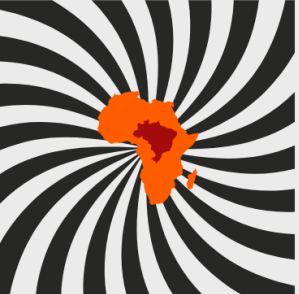
Desenvolver projetos interdisciplinares que envolvam pais, alunos e a comunidade local, destacando as contribuições culturais da população negra e indígena. Criar eventos culturais em que a diversidade seja celebrada e explorada, como feiras temáticas e apresentações artísticas.

6.5 ADAPTAÇÃO DOS MATERIAIS DIDÁTICOS

Revisar livros didáticos e outros materiais para garantir que incluam representações equitativas e positivas de diferentes grupos étnicos e culturais. Incorporar atividades que incentivem os alunos a refletirem sobre a diversidade e as desigualdades sociais.

6.6 USO DE TECNOLOGIAS EDUCACIONAIS

Explorar plataformas digitais que disponibilizem conteúdos culturais diversos, como vídeos, jogos e podcasts. Incentivar os alunos a criarem projetos multimídia que conectem temas antirracistas ao aprendizado da língua inglesa.



7 CONCLUSÃO

A implementação de estratégias antirracistas no ensino de inglês representa um avanço significativo na construção de um ambiente educacional mais inclusivo, crítico e reflexivo. A abordagem proposta neste artigo enfatiza a importância de valorizar a diversidade cultural e racial, promovendo um espaço de aprendizagem que ultrapasse as barreiras tradicionais do ensino da língua estrangeira. Ao incluir autores e obras de diferentes contextos culturais, promover debates críticos, capacitar professores e adaptar materiais didáticos, é possível transformar o ensino em uma ferramenta poderosa de combate às desigualdades e de promoção da equidade.

Ademais, a participação ativa da comunidade escolar e o uso de tecnologias educacionais destacam-se como elementos cruciais para o sucesso dessas práticas. O engajamento de pais, alunos e professores em projetos interdisciplinares fortalece os vínculos sociais e contribui para construção de uma educação antirracista robusta e efetiva. Por fim, ao ampliar o repertório cultural e proporcionar reflexões sobre questões sociais contemporâneas, essas estratégias enriquecem o aprendizado da língua inglesa e ajudam a formar cidadãos mais conscientes, empáticos e preparados para os desafios de uma sociedade plural e globalizada.

REFERÊNCIAS

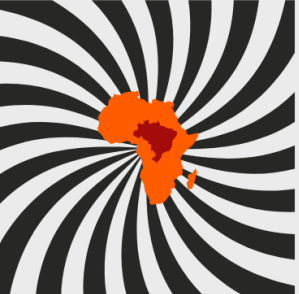
BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BILLINGS, Gloria Ladson. Toward a theory of culturally relevant pedagogy. *American Educational Research Journal*, v. 32, n. 3, p. 465-491, 1995.

BRASIL. Lei N° 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**. Brasília, 20 dez. 1996.

BRASIL. Lei n° 10.639, de janeiro de 2003. Altera a Lei n° 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. **Diário Oficial da União**. Brasília, Seção 1, p.1, 9 jan. 2003.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CEB n° 3, de 10 de março de 2004. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Culturas Afro-Brasileiras e Africanas. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 11 mar. 2004.



BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: Educação infantil e ensino fundamental.** Brasília: Ministério da Educação, 2017.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira.** Brasília: MEC/SEF, 1998.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **Racismo e antirracismo na educação: repensando nossa escola.** São Paulo: Selo Negro, 2005.

CARRINGTON, Bruce; TROYNA, Barry. **Education, racism and reform.** London: Routledge, 1990.

CONCEIÇÃO, Larissa Cristina. **Organização de aulas de Língua Inglesa no Ensino Médio: uma análise crítica das questões sociais de raça.** Rio de Janeiro: Editora ABC, 2019.

DEI, George Jerry Sefa. **Anti-racist theory and practice.** London: Routledge, 1996.

DIAS, Tatiane Mendes. **A diversidade linguística e a identidade social de raça: uma proposta para a formação de professores.** São Paulo: Editora XYZ, 2018.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social.** Brasília: Editora UnB, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOMES, Nilma Lino. A educação como um direito humano: questões sobre a educação das relações étnico-raciais e educação inclusiva. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 125-143, 2003.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade.** São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

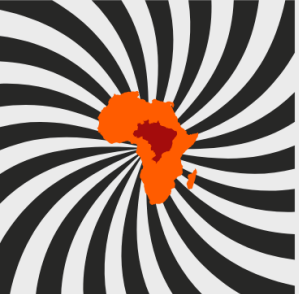
HYMES, Dell. On communicative competence. In: PRIDE, John Bernard; HOLMES, Janet (Eds.). **Sociolinguistics: Selected readings.** Harmondsworth: Penguin, 1972. p. 269-293.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: Identidade nacional versus identidade negra.** Petrópolis: Vozes, 2001.

PÉREZ-GÓMEZ, A. I. Os processos de ensino e aprendizagem: análise didática das principais teorias de aprendizagem. In: GIMENO SACRISTÁN, J.; PÉREZ-GÓMEZ, A. I. (Orgs.). **Comprender e transformar o ensino.** 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998. p. 27-51.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

SANTOS, I. A. A responsabilidade da escola na eliminação do preconceito racial: alguns caminhos. In: CAVALLEIRO, E. (Org.). **Racismo e antirracismo na educação: repensando nossa escola.** São Paulo: Selo Negro, 2001. p. 96-107.



SILVA, João. O impacto da exclusão cultural no ensino de línguas adicionais. **Revista de Estudos Culturais**, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 120-138, 2019.

STETSENKO, Anna. **Transformative activist stance**: Positioning theory, epistemic justice, and the struggle for social change. Cambridge: Cambridge University Press, 2017.

Enviado em: 27/01/2025
Aceito em: 28/02/2025